

Programa Solte a Palavra – Discurso do Ódio¹

Bianca Gomes de CARVALHO²

André de SENA³

Beatriz GARAGNANI⁴

Gabriel FICONI⁵

Gregório JUNG⁶

Gustavo TORNIEIRO⁷

Marcela BONAFÉ⁸

Mariana YOLE⁹

Murillo PAROLINI¹⁰

Pedro MARTELLI¹¹

Patrícia RANGEL¹²

ESPM, São Paulo, SP

RESUMO

Em formato de mesa redonda, o programa radiofônico Solte a Palavra – Discurso do Ódio, é um espaço de discussão coletiva que procura contextualizar as principais vertentes acerca de um dos temas de maior relevância social na atualidade. Qual a melhor forma de combater o discurso do ódio sem, contudo, violar a liberdade de expressão, ou comprometer a democracia? E por que o ódio se reproduz tanto nas redes sociais? Estes são assuntos tratados no programa na presença de dois especialistas de política e direitos humanos, apoiado em diversas reportagens produzidas pelos alunos de jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: discurso do ódio; liberdade de expressão; programa de debates; rádio; entrevista.

1 INTRODUÇÃO

O programa **Solte a Palavra – Discurso do Ódio** está em sua segunda edição e faz parte de uma produção semestral dos alunos da oficina de rádio do curso de Jornalismo.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 05 Produção laboratorial em audiojornalismo e radiojornalismo (avulso / conjunto ou série).

² Aluna líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: biancagomesdecarvalho@hotmail.com

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: andredesena14@gmail.com

⁴ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: beatriz.gcerny@gmail.com

⁵ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: gabrielficoni@gmail.com

⁶ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: gregorio.costajung@gmail.com

⁷ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: gustavo.torniero@gmail.com

⁸ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: maahbonafe@gmail.com

⁹ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: marianayolesouza@gmail.com

¹⁰ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: murilloparolini@gmail.com

¹¹ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: pedromsmartelli@gmail.com

¹² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: patricia.rangel@espm.br

Dividido em dois blocos, cada um de 20 minutos, o programa é uma parceria da ESPM-SP com o Instituto Palavra Aberta, e com o apoio da ABERT - Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão. Nesta edição, o programa trouxe as mais atuais discussões sobre os limites entre liberdade de expressão e discurso do ódio.

Para isso, contou com a participação de dois renomados profissionais da área de política e direitos humanos: Leonardo Trevisan, professor e jornalista, mestre em história econômica e doutor em ciência política, ambos pela Universidade de São Paulo; e a jornalista Lia Diskin, uma das fundadoras da Associação Palas Athenas e criadora do Projeto Gandhi contra a violência, realizado em parceria com a Polícia Civil do Estado de São Paulo.

O programa foi desenvolvido sobre o formato de mesa redonda, definido pelo pesquisador Eduardo Vicente (2002) como um gênero jornalístico baseado em debates, que “reúne diferentes personalidades (preferencialmente especialistas sobre um determinado assunto) para, mediados por um apresentador, expressarem seus diferentes pontos de vista sobre um ou mais temas”. A escolha por um formato que valorize o debate deve-se a importância da participação do jornalismo no espaço público. Sendo este um espaço onde, essencialmente, há circulação de discursos que partem da vida cotidiana. O jornalismo caracteriza-se como o lugar em que há fragmentos desses discursos e que estes ganham visibilidade.

Tendo em vista este papel do jornalismo, o **Solte a Palavra – Discurso do Ódio** procura recuperar a qualidade de aprofundamento dos programas de rádio, desmistificando a visão do rádio como um formato jornalístico superficial. O aprofundamento, de acordo com Alda de Almeida (2001), consegue estabelecer conexões com o cotidiano, inserindo os fatos em um contexto, “numa relação de causa e efeito não somente a curto, mas principalmente a médio e longo prazo”. Ainda de acordo com ela, sem o aprofundamento há empobrecimento do conteúdo.

Tendo em vista estas concepções, o programa **Solte a Palavra – Discurso do Ódio** procurou colocar em prática o debate como ferramenta de aprofundamento do tema. O programa utilizou-se de diferentes instrumentos: trouxe especialistas ao programa, apresentadores que contextualizaram o tema e reportagens feitas pelos alunos com a presença de especialistas e personagens da vida cotidiana.

1.1 Liberdade de expressão

O cerne do programa é discutir sobre os limites entre a liberdade de expressão e o discurso do ódio a partir dos acontecimentos passados e contemporâneos. Considerada o marco da defesa da liberdade de expressão, a “Primeira Carta Sobre Tolerância”, do filósofo John Locke, faz uma defesa à tolerância religiosa e a separação entre governo civil e religião. Escrita em 1689, no contexto em que a Europa foi palco de numerosas guerras e conflitos político-religiosos, Locke coloca em pauta a necessidade de uma efetiva demarcação das fronteiras entre Igreja e comunidade:

Afirmo, contudo, que não importa a fonte da qual brota sua autoridade, deve confinar-se aos limites da Igreja, não podendo de modo algum abarcar assuntos civis, porque a Igreja está totalmente apartada e diversificada da comunidade e dos negócios civis. (...) Quem mistura o céu e a terra, coisas tão remotas e opostas, confunde essas duas sociedades, as quais em sua origem, objetivo e substancialmente são por completo diversas. (LOCKE, 1689. Tradução de Anoar Alex, 1973, p. 8)

Ao mesmo tempo em que preserva a existência de diferentes religiões, Locke garante a liberdade de escolha dos cidadãos - com exceção dos ateus - para optar em seguir as crenças religiosas que se identificarem, pois, segundo ele, “ninguém está subordinado por natureza a nenhuma igreja ou designado a qualquer seita, mas une-se voluntariamente à sociedade na qual acredita ter encontrado a verdadeira religião” (LOCKE, 1673. Tradução de Anoar Alex, 1979, p. 4). Após Locke ter cristalizado suas concepções sobre tolerância e separação entre Estado e Igreja, os Iluministas, oriundos da Segunda Modernidade, compreendida pelos séculos XVIII, XIX e XX, foram responsáveis pela difusão desses ideais baseados em um novo elemento: a razão.

Fundamentados no preceito de que a liberdade de expressão só pode ser obtida por meio da conquista da liberdade de pensamento, os iluministas defenderam que a criação do Estado Moderno efetivou a entrada da razão na vida das pessoas. O indivíduo, antes limitado às explicações religiosas, desprende-se e conquista sua emancipação, tornando-se capaz de questionar-se sobre fatos antes explicados sob razões divinas. No trecho do livro “Modernidade e identidade”, o sociólogo britânico Anthony Giddens discute sobre o significado da emancipação:

“(...) a vida coletiva é organizada de tal maneira que o indivíduo seja capaz – num ou noutro sentido – de ação livre e independente nos ambientes de sua vida social. Liberdade e responsabilidade permanecem em uma espécie de equilíbrio. O indivíduo é libertado

de limitações impostas a seu comportamento como resultado de condições exploradoras, desiguais ou opressivas. (GIDDENS, 2002, P. 196)

Luiz Martins da Silva (2006) professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, no texto “Jornalismo, espaço público e esfera pública, hoje”, discute o surgimento do espaço público e da esfera pública no contexto do nascimento da democracia - conceito este que está diretamente atado aos ideais iluministas - a fim de discutir o efetivo papel da imprensa dentro dessa sociedade.

No início da formação da democracia, as configurações dos espaços sociais foram sendo modificados. Em meados dos séculos XVII e XVIII, como esclarece o autor, encontram-se “condições em que os espaços privado e público se tocam, se interpenetram” (SILVA, 2006) e não mais atuam de formas independentes. Os espaços sociais, antes limitados, se desmembraram complexamente e saíram do poder do Estado, efetivando o nascimento de um espaço público. No entendimento de Silva (2006), espaço público é o processo - portanto um elemento abstrato - de discussão e de argumentação que será responsável, ao final, por encaminhar opiniões posicionamentos. Definitivamente, um lugar de extrema importância para a democracia e para a construção de sociedade civil.

O jornalismo, nesse sentido, expressa-se como a alma do espaço público, ao passo que dá visibilidade às informações e transcende as possibilidades de discussões entre os cidadãos. A comunicação midiática potencializa os debates e, como garante seu próprio ofício, dá “publicidade e lastro de sentido a coisa pública” (SILVA, 2006).

1.2 Limites da liberdade de expressão e discurso do ódio

Tendo em vista o nascimento do Estado Moderno e a defesa pela liberdade de religião - é em 1776, no período da Revolução Americana, que a Declaração de Direitos dos Estados Americanos dá espaço para a liberdade de expressão. Na Declaração de Direitos do Estado da Virgínia temos, pela primeira vez, a garantia da liberdade de expressão. Em seu Artigo 1º consta:

Todos os seres humanos são, pela sua natureza, igualmente livres e independentes e possuem certos direitos inatos, dos quais, ao entrarem no estado de sociedade, não podem, por nenhum tipo de pacto, provar ou despojar sua posteridade: nomeadamente, a fruição da vida e da liberdade, com os meios de adquirir e possuir a propriedade de bens, bem como de procurar e obter a felicidade e a segurança.

Essa declaração será responsável por inspirar tantas outras, inclusive a que se configura como a mais importante da atualidade: A Declaração Universal de Direitos Humanos (DUDH). Adotada pela Assembleia Geral da ONU em 1948, a DUDH, em seu artigo 19, garante que: “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (1948, artigo XIX).

Apesar de garantir o direito de se expressar, é importante ter em vista o que hoje é tido como um dos maiores debates: há uma linha tênue que divide liberdade de expressão e discurso do ódio. É importante perguntar-se sobre quando a liberdade de expressão ultrapassa sua garantia legal e se transforma em discurso de ódio. Segundo a organização não-governamental de direitos humanos, a Artigo 19, o discurso do ódio é o:

Discurso que visa à promoção do ódio e incitação a discriminação, hostilidade e violência contra uma pessoa ou grupo em virtude de raça, religião, nacionalidade, orientação sexual, gênero, condição física ou outra característica de um determinado grupo. O discurso do ódio tem sido empregado para insultar, perseguir e justificar a privação dos direitos humanos e, em casos extremos, para dar razão a homicídios. (ARTIGO 19, ano, p. 1)

Retomando episódios como o holocausto, a criação da *Ku Klux Klan*, o atual discurso xenofóbico aos refugiados, as inúmeras situações racistas e homofóbicas - entre tantas outras situações - é indiscutível a presença do discurso do ódio e suas consequências para a vida social dos indivíduos. O perigo que esse discurso oferece, a desarmonia que ele causa nas sociedades, propagando o medo e o ódio, são suficientes para se pensar em um limite à liberdade de expressão. Para isso, se pergunta: até que ponto o indivíduo pode expressar seus pensamentos e convicções?

A estudiosa Renata Machado da Silveira define três tipos de limitações aos direitos fundamentais - em que se inclui a liberdade de expressão - “(a) as expressamente estabelecidas pela Constituição (b) as estabelecidas mediante leis por autorização expressa na Constituição (c) as estabelecidas facitamente pela Constituição, derivadas de interpretação, para solução de casos” (SILVEIRA, 2007, p. 60).

No ciberespaço, esses discursos tornaram-se ainda mais fortes e presentes. Tendo em vista um ambiente em que o anonimato é possível, a propagação do ódio foi facilitada. Os grupos, que antes precisavam disfarçar suas concepções discriminatórias, encontram nas redes sociais a possibilidade de juntar-se em grupos e comunidades para espalhar ideias preconceituosas e criminosas.

Nesse sentido, considera-se a restrição da liberdade de expressão como um mecanismo de controle ao abuso desse direito que garante que uma sociedade plural conviva em um ambiente de respeito, e não de discriminações.

2 OBJETIVO

O objetivo do programa **Solte a Palavra – Discurso do Ódio** é trazer o conceito de mesa redonda para o rádio ao vivo, com o intuito de criar um ambiente de debates que proporcionem, durante toda a sua duração, uma experiência reflexiva ao ouvinte.

Procura-se exercitar a prática jornalística, tanto na preparação do programa, quanto em sua efetivação. Trabalhar com as dificuldades do programa ao vivo que exigiu dos apresentadores um estudo aprofundado do tema para conduzir as perguntas e estar preparado para imprevistos. Apoiado nas discussões sobre a presença do discurso do ódio na atualidade, o trabalho tem a finalidade de criar um diálogo entre os conceitos estabelecidos – de liberdade de expressão e discurso do ódio – e os acontecimentos contemporâneos do tema, desmembrando suas origens históricas e nova configuração no ciberespaço.

3 JUSTIFICATIVA

O **Solte a Palavra – Discurso do Ódio**, é um programa que traz para o rádio ao vivo debates sobre temas contemporâneos de relevância social e optou em sua segunda edição pelo tema “Discurso do Ódio” pois teve como referência a atual vivência de um momento singular da história mundial em que esse discurso tomou proporções antes nunca vistas. Atentando à facilidade com que se encontra a presença desses discursos na rede, é substancial que haja questionamentos sobre como eles se tornaram tão habituais e em abundância e, mais importante ainda, quando surgiram.

A ascensão e ampliação da internet trouxe novas possibilidades de espaços, tanto para a promoção de ideias e conteúdos quanto para a promoção do ódio. O anonimato do ciberespaço, proporcionou, ao que navegam na rede, um viés para sair em fazer defesa de qualquer tipo de intolerância e discriminação. Expressar-se à vontade, sem temer reações - pois como não há identidades expressas, a dificuldade de investigar a autoria é enorme - potencializou discursos de ódio.

Reconhecendo a importância de um debate acerca do tema discurso do ódio e poder do jornalismo de potencializar e dar visibilidade às discussões, o programa Solte a Palavra

tomou como propósito ir além das informações e dos fatos, muitas vezes trabalhados de forma isolada na mídia.

André Barbosa diz sobre mesa redonda que elas são um local de debate, em que se deve participar, apresentar ideias, e as opiniões precisam ser diferentes, para que isso ocorra. Além disso, este espaço de debate deve ser composto por especialistas que procurem esclarecer ao público sobre o tema em questão. Conforme o autor é essencial que as apresentações devem ser “ao vivo”, caso não seja, que tenham aparência, logo a edição deve ser cuidadosa, sem que altere ou artificialize a discussão.

São espaços de discussão coletivas em que os participantes apresentam ideias diferenciadas entre si. Normalmente são intermediados por um apresentador que impõe as regras, tendo em vista delimitar o tempo de fala de cada um. (BARBOSA, 2009, p. 103)

Portanto, considera-se importante a utilização deste formato, pois a discussão aprofundada de um tema – como Discurso do Ódio – auxilia na formação da opinião pública que, por sua vez, quando bem alimentada fortalece e dá maior autenticidade à democracia.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a elaboração do programa de rádio **Solte a Palavra – Discurso do Ódio**, foi realizada, inicialmente, uma pesquisa teórica aprofundada sobre o que é, de fato, liberdade de expressão. Depois de ter o conceito esclarecido, os alunos passaram a pesquisar artigos acadêmicos e matérias jornalísticas que tratassem da discussão sobre liberdade de expressão e discurso do ódio. Falar também da pesquisa sobre mesa redonda/debate como melhor formato para discutir o tema proposto.

Foi utilizado, em primeira instância, a pesquisa documental como forma de criar uma bagagem teórica para abranger as possibilidades de discussão sobre o tema. Foi importante, além da teoria, o estudo de casos. Os alunos debateram em grupo aspectos do discurso de ódio em episódios recentes da política, como as últimas eleições presidenciais e até acontecimentos que marcaram o século XX, como as duas grandes guerras e a guerra fria. Posteriormente, por meio de pesquisas e entrevistas feitas com especialistas, os alunos produziram um material que foi gravado e editado. Esse material foi sendo inserido ao longo do programa, a fim de contextualizar o ouvinte e dar início às discussões com os entrevistados e os apresentadores.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Com o intuito de iniciar o programa com o debate entre liberdade de expressão e discurso do ódio os apresentadores, após realizarem a leitura do currículo de seus entrevistados, chamaram a primeira reportagem que contou com o depoimento – gravado pelos alunos em uma entrevista -de Vanessa Vieira, defensora pública do Estado de São Paulo e coordenadora do Núcleo de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito, sobre os limites entre liberdade de expressão e discurso do ódio. Depois da reportagem, que explicou o que é liberdade de expressão e quais são seus limites, os entrevistados traçaram seu posicionamento acerca da definição.

Seguindo as orientações do roteiro, os apresentadores abriram a discussão para o panorama da história mundial, citando a permanência do discurso do ódio após os grandes acontecimentos do século XX e a promessa de paz da globalização. Neste sentido, discutiu-se o porquê da continuidade do discurso e a forma como ele veio depois de um período tão conturbado. Depois de pensado num sentido amplo e mundial, o programa fala sobre o discurso do ódio no contexto nacional.

Os apresentadores trazem para discussão a formação do Brasil como um país que, desde o princípio, foi construído em cima de preconceitos e também a contradição entre intolerância e receptividade, dois aspectos presentes no perfil do povo brasileiro.

O segundo bloco do programa começará abrindo espaço para pontuar os casos mais atuais sobre o discurso do ódio no Brasil. Para isso, os apresentadores contaram com uma reportagem que relembrou a polêmica declaração que o ex-candidato à presidência pelo PRTB, Levy Fidelix, fez aos homossexuais durante um debate presidencial realizado na Rede Record.

Depois de desmembrados os significados do episódio de Levy Fidelix, os apresentadores anunciaram a última reportagem do programa. Essa reportagem conta com falas de fontes especializadas que fazem uma análise das consequências da ascensão da internet e sua utilização para a propagação do discurso do ódio. O jornalista José Norberto Flesch comenta suas experiências com ataques nas redes sociais, e a também jornalista e pesquisadora de ciberjornalismo, Caru Schwingel, pontua o uso das plataformas digitais para o discurso do ódio para política.

A reportagem foi responsável por trazer ao programa uma rica discussão sobre a forma como os usuários da rede têm lidado a tamanha liberdade que o ciberespaço as proporcionou e foi gancho para finalizar o programa com as perspectivas futuras que esse cenário pode ter.

Os entrevistados do programa **Solte a Palavra – Discurso do Ódio**, Leonardo Trevisan e Lia Diskin, foram além do conhecimento teórico aprofundado. Aturam de forma conjunta e parceira durante todo o programa, eles apresentaram os ouvintes com ricas narrações sobre suas experiências e pontos de vista.

6 CONSIDERAÇÕES

O programa **Solte a Palavra – Discurso do Ódio** teve como proposta exercer na prática o papel do jornalismo ao dar visibilidade às informações e ampliar as possibilidades de discussões. Criou um ambiente saudável e construtivo e deixou um legado ao seu ouvinte: questionar-se.

Ter a iniciativa de se perguntar o porquê dos acontecimentos que diariamente presenciamos é o verdadeiro exercício de aprendizado. Muitos de nós vivemos rotinas exaustivas de trabalho e de estudo, mas não nos damos conta de revirar todos os fatos. Em meio a um mundo que se perde entre discursos de ódio, é preciso abrir um espaço para a reflexão. O que é difícil, pois a alienação tem sido o caminho mais procurado ultimamente.

O programa não trouxe respostas, mas sim outras formas de se pensar, outros pontos de vistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alda. O gênero debate e o mito da superficialidade no rádio - A experiência do programa Além da Notícia. INTERCOM, setembro, 2001.

ARTIGO 19. **Panorama sobre o discurso de ódio no Brasil. 2012** Em: < http://artigo19.org/centro/files/discurso_odio.pdf >. Acesso em: 16 março 2016

BAPTISTELA, Tiago; CALDAS, Claudete M. C. **O discurso de ódio nas redes sociais contra migrantes internacionais: liberdade de expressão ou violação da dignidade da pessoa humana**. Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea, 2015.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio**. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

FERNANDES, ADÉLIA BARROSO. “Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público.” Salvador: Intercom, 2002.

FREITAS, Riva Sobrado De; CASTRO, Matheus F. **Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão**. Florianópolis: Sequência, 2013.

GIDDENS, ANTHONY. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: o que é Iluminismo**. A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, 1990.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância**. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948.

SILVEIRA, Renata Machado da. **Liberdade de expressão e discurso do ódio**. Minas Gerais: Belo Horizonte, 2007.

VICENTE, Eduardo. Gêneros e formatos radiofônicos. São Paulo: USP, 2002.
em <http://corais.org/sites/default/files/generoseformatos.pdf>. Último acesso em de 2016.